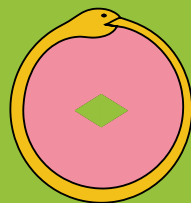
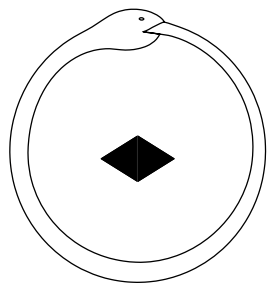


TEMPO E AMOR
Flecha 6



cadernos
SELVAGEM



TEMPO E AMOR

flecha 6 

A segunda lei da termodinâmica é a única lei geral da física que distingue o passado do futuro. Como uma flecha do tempo, o calor passa somente de corpos quentes a frios, nunca ao contrário. Se nada é provocado externamente, um corpo frio não se torna quente. Esse fluxo natural de dissipação dança com outro fluxo: o fluxo biológico da vida, que aglutina e envolve Gaia numa metamorfose contínua.

O fluxo biológico, o metabolismo da Terra, é amor que reelabora os elementos e mantém o pulsar coletivo.

Através da experiência de trançar compreensões científicas, artísticas e tradicionais, esta flecha fala de entropia e sintropia, sem mencionar essas palavras.

É uma visão de Gaia no cosmos, sonhada pela Avó do Mundo que nos observa até hoje, sentada em seu banco de quartzo branco. É também um comentário sobre o medo da humanidade em lidar com a natureza da vida e sua busca para inverter a lei do tempo com métodos, máquinas, filtros antienvelhecimento.

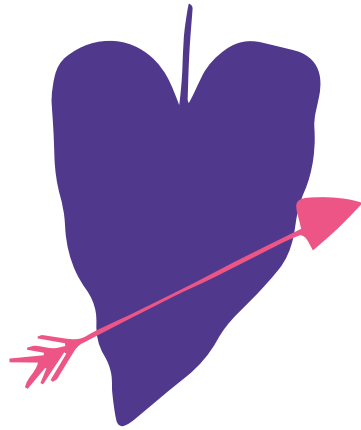
Talvez seja uma flecha sobre o feitiço que dissociou humanos dos ciclos naturais.

Ela foi inspirada pela beleza das relações colaborativas que são feitas no tempo e no espaço, como plantar uma árvore que um dia será a canoa de alguém futuro. A consciência de que habitamos com gratidão o mesmo jardim planetário.

Em Tempo e Amor, Lygia Clark é avó do mundo, Arthur Bispo do Rosário é amor incondicional. Tem Miró e sua mulher sonhando com uma evasão, Herança de Thiago Rocha Pitta e muitas associações imagéticas.

O tempo difere de acordo com o ponto de observação.

Que esta flecha se multiplique a cada olhar, a cada escuta.



Vamos embarcar?



THIAGO ROCHA PITTA,
Herança, 2007.



Imaginemos partículas no espaço.
Cada partícula é um ponto de energia.



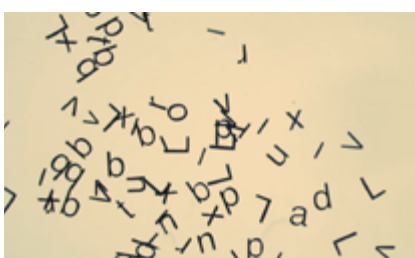
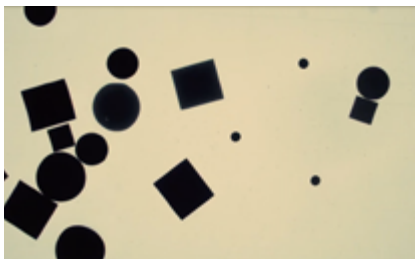
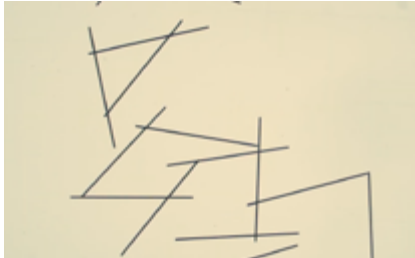
No entanto nada existe em si só,
tudo existe porque há uma dança.



Neste cosmos flexível,
cada corpo que irrompe
é um novo desenho e
transforma tudo ao redor.

INVISIBLE FLOCK & SUBZERO,
Out from the flood, 2020-2021.

Commissioned by The Finnish Cultural and
Academic Institutes' Together Alone project.



Cientistas leem esses desenhos
em movimento,

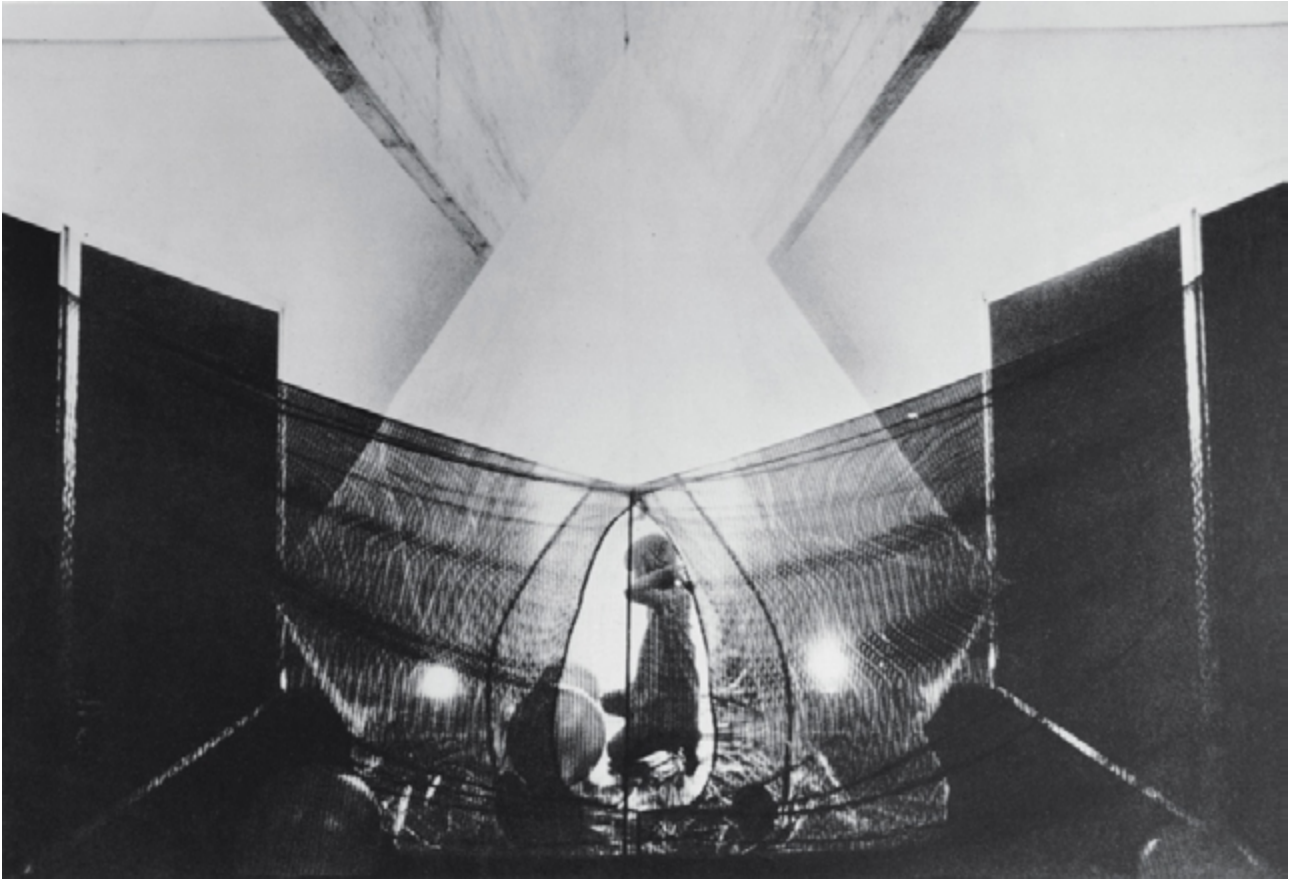
retraçam ora como cordas,

ora como cones de luz,

como laços ou ciclos.

MIRA SCHENDEL,
Sinais/Signals, 2018.

Imagens gentilmente cedidas pelo
MAM São Paulo.



Em seu banco de quartzo branco,
antes do mundo existir,

LYGIA CLARK,
A casa é o corpo, 1968.
Caminhando, 1964.
Fotógrafo: Beto Feliciano.
© Associação Cultural
“O Mundo de Lygia Clark”



LYGIA CLARK,
Máscara abismo, 1968.
© Associação Cultural
“O Mundo de Lygia Clark”

a Avó do Mundo
fuma tabaco com seu irmão
Yepa Oãku e observa:



JOAN MIRÓ,
Mujer soñando con la evasión, 1945.
© Successió Miró/ AUTVIS, Brasil, 2022

– Eles estão, agora, vendo nossos desenhos.



Uma flor de helicônia,



uma mandioca,

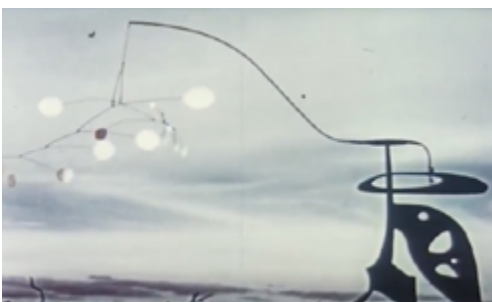
um asteroide,



uma molécula da água,



um sapinho...



são formas desenhadas
por algum desejo de colaboração.

HERBERT MATTER,
Works of Calder, 1950.

Produced by New World Film Productions for the Museum of Modern Art, New York. 16mm, color, sound (English); 20 min. Directed and cinematography by Herbert Matter; produced and narrated by Burgess Meredith; music by John Cage. © 2023 Calder Foundation, New York / Artists Rights Society (ARS), New York / AUTVIS



ITAÚ CULTURAL,
Véio – a imaginação da madeira, 2018.
Imagens gentilmente cedidas pelo Itaú
Cultural.

Todos os organismos vivos são constituídos de uma ou mais células.



As células complexas



são o resultado da associação de células simples.

CÍCERO ALVES DOS SANTOS – VÉIO,
Sem título, 2014. Tinta acrílica e madeira.
92 x 167 x 28 cm. Fotógrafo: João Liberato.
Sem título, sem data. Tinta acrílica e madeira.
16 x 11,5 x 15,5 cm.
Fotógrafo: André Seiti/Itaú Cultural.



Formas que se fundem,



se incorporam,

CÍCERO ALVES DOS SANTOS – VÉIO,
Arte não é brinquedo, sem data.
Fotógrafo: André Seiti/Itaú Cultural.
O primata, 2009. Tinta acrílica e madeira.
127 x 100 x 93 cm. Fotógrafo: João Liberato.



se reproduzem,

se transformam numa
profusão de possibilidades.

ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO,
Grande veleiro, sem data. Montagem,
carpintaria, escrita, revestimento, bordado,
costura, pintura, perfuração.
118 x 158 x 65 cm. Foto: Rodrigo Lopes.
Coleção Museu Bispo do Rosário Arte
Contemporânea / Prefeitura da Cidade
do Rio de Janeiro.



Formas que são filhas e mães de outras,

elas mesmas embebidas
das minúsculas partículas



dançarinas

do cosmos.



Enquanto o universo se expande,
o amor aglutina.



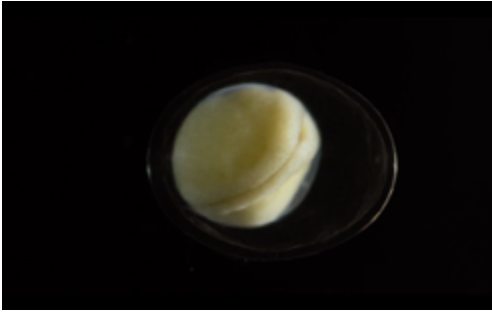
ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO,
Talheres, sem data. Montagem e carpintaria.
137 x 47 x 9 cm. Costura, bordado, escrita.
Manto da apresentação, sem data. Costura,
bordado, escrita. 118,5 x 141,2 x 7 cm.
Eu preciso destas palavras escrita, sem data.
Costura, revestimento, bordado, escrita.
126 x 208 x 10 cm.

Fotos: Rodrigo Lopes. Coleção Museu
Bispo do Rosário Arte Contemporânea /
Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

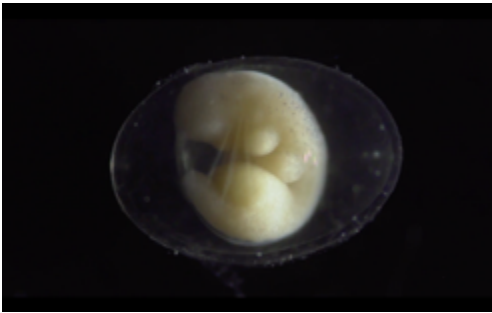


WALTER FIRMO,
Bispo do Rosário, 1985.

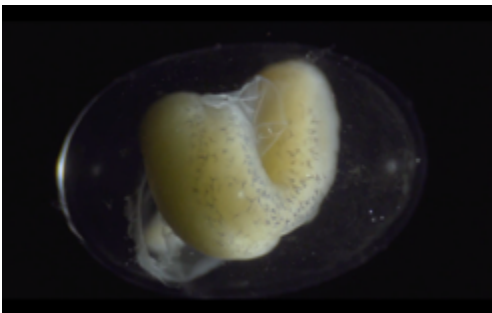
O amor é uma energia vital revolucionária.



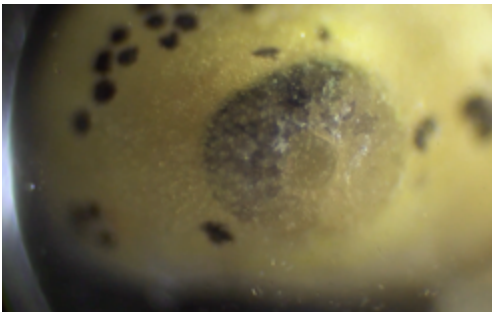
Cada ser que embarca na vida
é um colaborador do mesmo planeta casa.



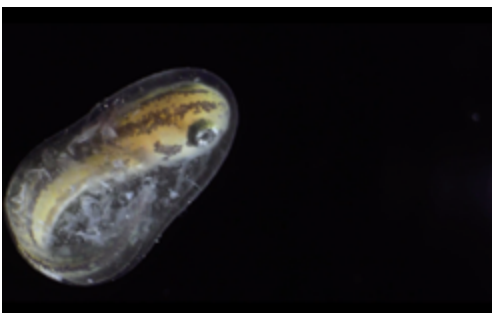
Todas as ações
de todos os seres e elementos



constroem e reconstroem o
mesmo lugar.



Navegar na Terra é,
portanto,



um ato de maravilhamento
e gratidão.

JAN VAN IJKEN,
Becoming, 2018.



*Pessoa patinando em lago congelado.
desenhando círculos no gelo.*

Enquanto o universo se expande,
ele esfria.

Como tudo ele também caminha
em direção a sua dissipação,
a sua própria morte.



PEDRO MENCHÉN,
“Sky ladder” by Cai Guo Quiang, 2015.

Esse caminho é como uma flecha do tempo.
Para lidar com o pulsar da lei do tempo,
humanos criaram processos que geram
fricções e alteram o comportamento
das matérias.



*Versão 3D de equipamentos domésticos:
refrigerador, máquina de lavar, microondas,
forno e aspirador de pó.*

Uma tentativa insana de conter os fluxos cósmicos através de máquinas, procedimentos artificiais que produzem uma tecnosfera geradora de calor sem interrupção.



*Vista aérea de sistemas de aquecimento,
ventilação e ar-condicionado instalados na
cobertura.*

Essa aparelhagem funciona porque tudo que ela produz é consumido.



Se estas máquinas não descansarem, a humanidade terá vencido o tempo, invertendo sua lei natural.

LIAM YOUNG,
New City: The city in the sea, 2012.
Directed and Designed by Liam Young.
VFX Supervisor: Alexey Marfin



GASTON BRABERS,
Elephant charging bus in Etosha National Park
Namibie, 2009.

A vida se espraia.



JAN VAN IJKEN,
The art of flying, 2015.

Fluir é uma aprendizagem.



A vida é sua própria arquitetura.



Planta a cumbuca, a casa, o copo,
a atmosfera, o banho, a comida,
os remédios, as trocas...



Seres jardineiros,
sejam pássaros ou cotias,
gentes ou insetos,
micróbios ou girafas,



cuidam do jardim planetário
e de sua provisão.

A vida planta a si mesma
e carrega consigo
mensagens e informações biológicas.



RICARDO WEGRZYNOVSKI,
Barco de um pau só - canoa artesanal da árvore
Guapuruvu, 2018.

Quando uma mãe planta uma árvore,
ela está construindo a canoa para
alguém que ainda não existe.

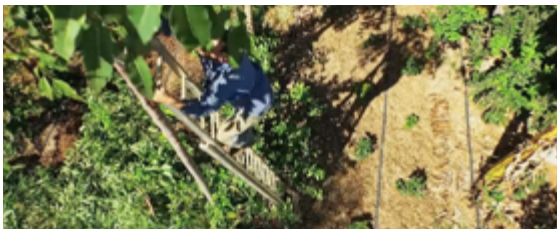


*Cabras escalam a árvore de Argan e comem noz
de Argan no Marrocos.*

O amor é a força que mantém
a vida ativa no tempo.



Assim é a Biosfera,



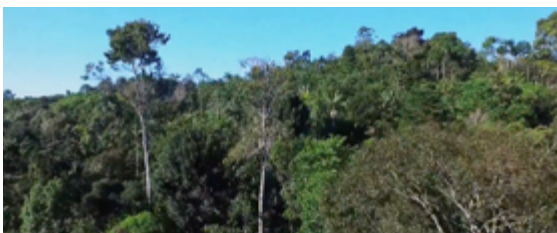
uma sucessão de ações
em benefício comum.



Tudo participa desse processo.



Humanos também integram a conexão.



Alguns pelo controle,



outros pela colaboração.

AGENDA GOTSCH,
Vida em sintropia, 2015.
Creative Commons.



DERRY MORONEY,
Tree of life, 2021.

*“Existe um amor incondicional na natureza.
Incondicional.
Essa é a linha mestra do funcionamento
do sistema natural,
cuidar do próximo.”*



Animação gentilmente cedida por
SPUN “Society for the Protection of
Underground Networks”.



Na costa do Rio de Janeiro,
durante os últimos oito mil anos,



o mar subiu e
desceu três vezes.



Da última vez que baixou,



há três mil anos,
formou grandes planícies de areia,



como desertos sem nenhuma planta.

ESTEVÃO CIAVATTA & REGINA CASÉ,
Um pé de quê? Clúsia, 2011.
Pindorama Filmes/Canal Futura.



As primeiras plantas que conseguiram
viver nessas praias quentes



– tão diferentes da Nhê'erỹ,
floresta úmida e sombreada –



foram as plantas que
germinavam no alto das árvores,



por que germinar num tronco
não difere muito da areia,



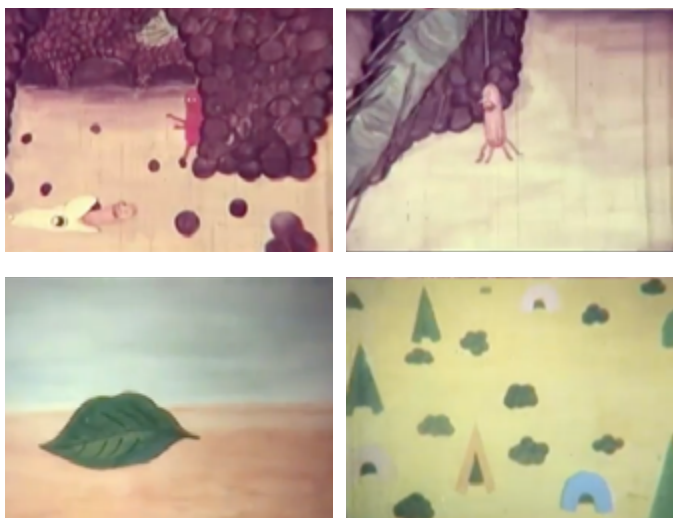
pela escassez de nutrientes.

ESTEVÃO CIAVATTA & REGINA CASÉ,
Um pé de quê? Clúsia, 2011.
Pindorama Filmes/Canal Futura.



ESTEVÃO CIAVATTA & REGINA CASÉ,
Um pé de quê? Clúsia, 2011.
Pindorama Filmes/Canal Futura.

Contam que foram as bromélias,
as primeiras a chegarem à paisagem



ANA MARIA PRIMAVESI,
A vida do solo, Década de 1950.

e dentro delas,
um dia cresceu uma *Clúsia*
trazida por um passarinho.



A Clusia vive no mundo florestal,
trepada em árvores altas,



lançando longas raízes ao chão
até estrangular sua hospedeira e, assim,



voltar ao solo para rebrotar.

ESTEVÃO CIAVATTA & REGINA CASÉ,
Um pé de quê? Clúsia, 2011.
Pindorama Filmes/Canal Futura.



ELISA MENDES,
Sem Título, 2018.

Na praia, a *Clúsia* se adaptou, cresceu, fez-se oca, dando sombra e casa para outros seres.



ANNE DUK HEE JORDAN,
Into the wild, 2017-.

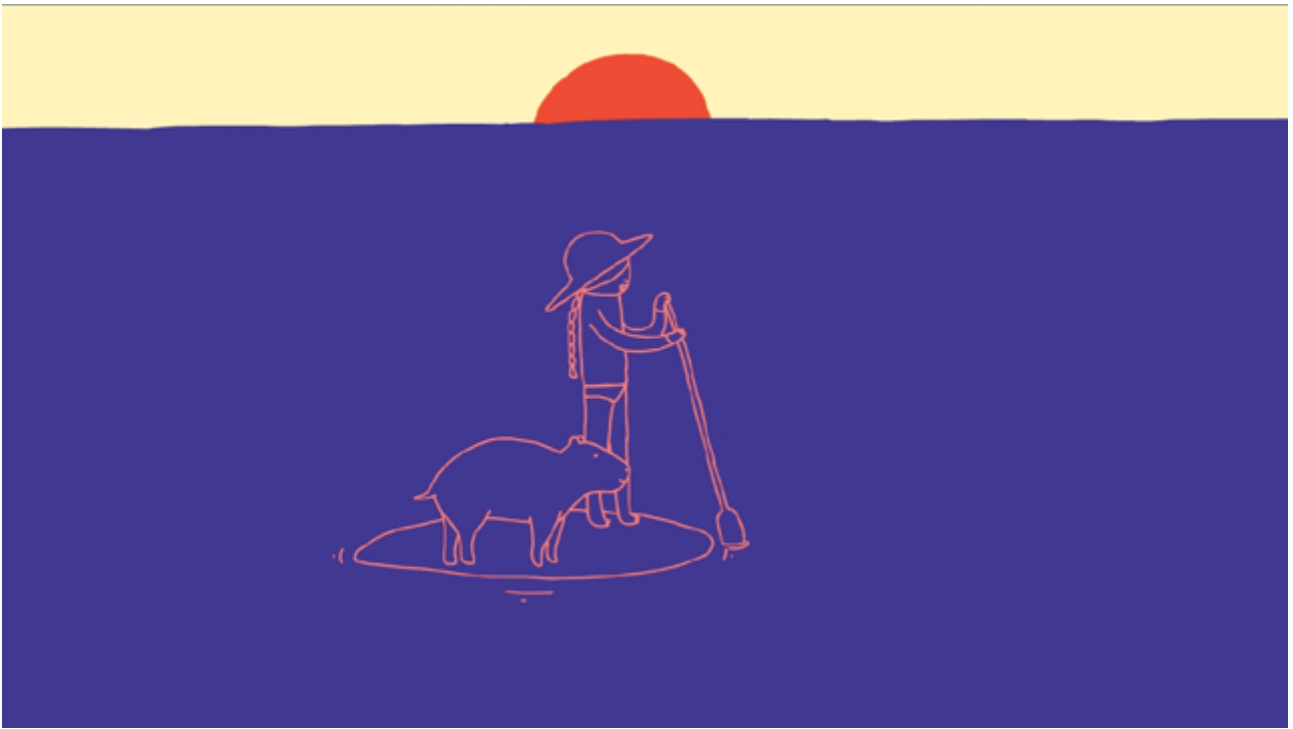
A *Clúsia* deixou de ser estranguladora, transformou-se, dispondo seu corpo e suas habilidades, para o bem viver de todo mundo.



Ela é uma regenerante de gaia,
uma célula-tronco da natureza.



ESTEVÃO CIAVATTA & REGINA CASÉ,
Um pé de quê? Clúsia, 2011.
Pindorama Filmes/Canal Futura.



Desenho de LÍVIA SERRI FRANCOIO

BIOS:

AILTON KRENAK (1953)

Pensador, ambientalista e uma das principais vozes do saber indígena. Criou, juntamente com a Dantes Editora, o *Selvagem* – ciclo de estudos sobre a vida. Vive na aldeia Krenak, nas margens do rio Doce, em Minas Gerais. É autor dos livros *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* (Companhia das Letras, 2019), *O Amanhã Não Está à Venda* (Companhia das Letras, 2020) e *A Vida Não é Útil* (Companhia das Letras, 2020).

ANNA DANTES (1968)

Seu trabalho estende a experiência de edição para outros formatos além dos livros. Há dez anos realiza, junto ao povo *Huni Kuĩ*, no Acre, o projeto *Una Shubu Hiwea*, Livro Escola Viva. Em 2018, criou o *Selvagem*.

ANTONIO NOBRE (1958)

É cientista e ativista, com relevante atuação na divulgação e popularização da ciência. Formou-se em Agronomia, tem mestrado em Ecologia Tropical e doutorado em Ciências do Sistema Terrestre. Seu foco principal de estudo é a Amazônia. Já foi pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) e atualmente é pesquisador sênior do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE).

THIAGO ROCHA PITTA (1980)

Artista brasileiro nascido em Minas Gerais e radicado na cidade de São Paulo, estabelece através de múltiplos suportes uma relação de coautoria com a natureza. Em sua prática artística os fenômenos naturais e efeitos da passagem do tempo sobre os elementos são incorporados aos trabalhos. Por meio de vídeos, pinturas, esculturas, fotografias e instalações Thiago observa e privilegia os processos de transformação no lugar de objetos acabados. Trabalhou com células de cianobactéria ainda em suas primeiras obras e segue suas investigações em diálogo com o mundo natural. Entre as coleções públicas nacionais e internacionais das quais suas obras fazem parte estão o Museu de Arte Moderna de São Paulo, o MoMA PS1, em Nova York, e a Maison Européenne de la Photographie, em Paris.

<http://www.galeriamillan.com.br/artistas/thiago-rocha-pitta>

INVISIBLE FLOCK

É um premiado estúdio de artes trabalhando na interseção entre arte e tecnologia. Com bases em West Yorkshire e Londres, o projeto busca diferentes modos de lidar com a crise ambiental e vem investigando como as práticas de arte digital podem oferecer novas perspectivas e soluções objetivas a problemas contemporâneos. Investindo em repensar e renegociar as relações com o mundo natural, criam instalações, desenvolvem pesquisas de campo e contam com um programa de residência artística contínuo. Atuam em diversos setores através de uma prática interativa e interdisciplinar com o objetivo de impactar criativamente as esferas da ecologia, política, saúde e sociedade.

<https://invisibleflock.com/>

LYGIA CLARK (1920 - 1988)

Reconhecida como uma das mais importantes artistas brasileiras do século 20, em suas obras buscava desmistificar o lugar da arte e retirar o espectador de uma posição de alienação e passividade. Atuando na interseção entre arte e vida, compreendia o artista como um propositor convocando o público à participação. Iniciou seus estudos artísticos com Roberto Burle Marx em 1947, no Rio de Janeiro, e em Paris foi aluna do pintor cubista Fernand Léger. Integrou o Grupo Frente e ao lado de Lygia Pape, Hélio Oiticica, Ferreira Gullar e outros artistas tornou-se uma das precursoras do Neoconcretismo. Os Bichos, obras em metal com partes unidas por dobradiças, realizadas entre 1960 e 1964, foram criadas para serem manipuladas pelo público.

<https://portal.lygiaclark.org.br/>

JOAN MIRÓ (1893 -1983)

Importante escultor, pintor, gravurista e ceramista espanhol, é considerado um dos grandes artistas do século 20. Nascido em Barcelona, foi contemporâneo do Fauvismo e do Cubismo, criou sua própria linguagem artística e retratou a natureza através de formas simples e fluidas e explorações cromáticas. É uma referência no movimento Surrealista.

<https://www.fmirobcn.org/en/joan-miro/>

ALEXANDER CALDER (1898 - 1976)

Foi um escultor e pintor estadunidense. É internacionalmente reconhecido por seus móveis, que são basicamente um agrupamento de materiais leves suspensos no ar, que se movimentam quando animados pelo vento ou qualquer outro tipo de motor. O nome de “móviles” foi atribuído aos trabalhos de Calder por seu amigo Marcel Duchamp. Em 1952, Calder recebe o grande prêmio da Bienal de Veneza.

<https://calder.org/>

VÉIO (1947)

Cicero Alves dos Santos, mais conhecido como Véio, é um artista brasileiro nascido em Sergipe. Trabalha com escultura e recebeu o apelido de Véio por gostar de ouvir as conversas dos mais velhos. Interessado em histórias e lendas da cultura sertaneja, encontra nelas a base de seu trabalho e de sua relação com o mundo. Criou o Museu do Sertão, localizado no Sítio Soarte, no município de Feira Nova, em Sergipe. Lá reuniu um acervo de 17 mil obras que recontam os modos de vida e produção do sertanejo e preservam a cultura popular da região. Ainda jovem começa a moldar com cera de abelha pequenas figuras e com o passar dos anos abandona a cera e adota a madeira como matéria-prima.

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa559113/veio>

ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO (1909 - 1989)

Foi um artista brasileiro. Criou suas obras com itens oriundos do lixo e da sucata, objetos cotidianos da instituição em que viveu internado durante décadas. Nascido em Sergipe, mudou-se para o Rio de Janeiro onde, em 1938, apresentou-se ao Mosteiro de São Bento e anunciou a um grupo de monges ser um enviado de Deus encarregado de julgar os vivos e os mortos. Após o episódio, Bispo é detido, fichado pela polícia e enviado ao Hospício Pedro II, na Praia Vermelha. De lá é transferido para a Colônia Juliano Moreira, instituição psiquiátrica no bairro de Jacarepaguá. Recebe o diagnóstico de esquizofrênico-paranóico e permanece internado durante anos, com eventuais períodos fora da instituição. Sua produção artística é hoje consagrada nacional e internacionalmente, tendo integrado inúmeras exposições. Produziu mantos, faixas e estandartes bordados.

<https://museubispodorosario.com/arthur-bispo-do-rosario/>

WALTER FIRMO (1937)

É um fotógrafo, jornalista e professor brasileiro. Iniciou sua carreira no fotojornalismo em 1955, como aprendiz do jornal Última Hora. Desde então, atuou em diversos veículos, consagrando-se e recebendo prêmios. Interessado pelos costumes e festas populares brasileiras, produziu extensa documentação de festejos nacionais, do carnaval carioca ao bumba meu boi maranhense. É também conhecido por retratar importantes cantores da música popular brasileira, como Cartola, Dona Ivone Lara, Clementina de Jesus e Pixinguinha. Nos anos 1980, começa a expor seus trabalhos em galerias e museus. Foi diretor do Instituto Nacional de Fotografia da Funarte e realizou oficinas de fotografia em todo o Brasil.

<https://ims.com.br/titular-colecao/walter-firmo/>

JAN VAN IJKEN (1965)

É um cineasta e fotógrafo holandês trabalhando na interseção entre arte e ciência. Em sua obra, investiga os segredos da natureza através da microscopia, da embriologia e das relações entre seres humanos e outras espécies animais. Atua principalmente de forma autônoma em projetos de longo prazo. Como fotógrafo, busca em sua prática dar ênfase à luz natural, à composição e aos detalhes.

<https://www.janvanijken.com/>

DERRY MORONEY

Fotógrafo australiano. Em 2021 realizou registros aéreos do lago Cakorra, na costa norte de Nova Gales do Sul, na Austrália, que viralizaram ao revelar o desenho de uma “árvore da vida”. Capturadas com um drone, as formas que surgem na água se devem ao óleo que escorre de árvores de melaleuca localizadas próximas à praia com a qual o lago está conectado. As imagens vão integrar sua primeira exposição na Coldstream Gallery, na cidade de Ulmarra, na Austrália.

https://www.instagram.com/derry_moroney_photography/

LIAM YOUNG (1979)

É um diretor de cinema e arquiteto australiano. Seu trabalho explora as fronteiras entre cinema, ficção, design e narrativa com o objetivo de

prototipar e imaginar o futuro das cidades. Usando design especulativo, filme e visualização de cidades imaginárias, sua prática questiona a existência urbana. É cofundador do Tomorrows Thoughts Today, um think tank de futuros urbanos que busca explorar as implicações locais e globais de novas tecnologias. Foi descrito pela BBC como “o homem que projeta nosso futuro” e através de seus filmes e mundos especulativos dialoga com questões ambientais contemporâneas.

<https://liamyoun.org/>

SPUN “SOCIETY FOR THE PROTECTION OF UNDERGROUND NETWORKS”

SPUN é uma iniciativa científica sem fins lucrativos fundada para mapear redes de fungos micorrízicos e defender sua proteção. Em colaboração com pesquisadores e comunidades locais, buscam acelerar os esforços para proteger os ecossistemas subterrâneos em grande parte ausentes das agendas de conservação e clima. O projeto propõe que as redes de fungos micorrízicos – e os serviços que fornecem – sejam um bem público global, análogo ao ar e à água limpos.

<https://spun.earth>

ESTEVÃO CIAVATTA & REGINA CASÉ (1968 E 1954)

Estevão é diretor, roteirista, fotógrafo e produtor de cinema e TV. É sócio-fundador da Pindorama Filmes. Regina Casé é uma atriz, autora, diretora, produtora e apresentadora brasileira. Juntos, integram o programa de TV Um pé de quê?, que conta com a direção de Ciavatta e apresentação de Casé. O programa fala sobre as árvores brasileiras, de todos os biomas, aproximando as mais diversas espécies ao dia a dia das pessoas. No ar há mais de 20 anos, Um pé de quê? serve de material educacional em inúmeras escolas e instituições por todo o país.

<http://www.umpedeque.com.br>

ANA MARIA PRIMAVESI (1920 - 2020)

Engenheira agrônoma considerada referência mundial em agroecologia e pioneira do tema no Brasil. Ao compreender o solo como um organismo vivo, foi responsável por avanços no manejo ecológico na agricultura, assumindo um papel importante na preservação de ecossistemas e recuperação de áreas degradadas no país. Primavesi nasceu e cresceu

na Áustria, filha de pais agricultores. Perseguida pelo nazismo, chegou ao Brasil na década de 1950, onde iniciou a carreira acadêmica e a atuação militante. Foi professora da Universidade Federal de Santa Maria, onde contribuiu para a organização do primeiro curso de pós-graduação em agricultura orgânica. Foi também fundadora da Associação de Agricultura Orgânica (AOO) e ao longo de sua carreira recebeu uma série de prêmios.

<https://anamariaprimavesi.com.br/>

ANNE DUK HEE JORDAN (1978)

Artista nascida na Coreia, atualmente vive e trabalha na Alemanha. Tornou-se mestre em Belas Artes no Instituto de Experimentos Espaciais, instituição coordenada pelo artista Olafur Eliasson. Em sua obra transitoriedade e transformação aparecem como temas centrais na tentativa de iniciar um diálogo entre fenômenos naturais, filosofia e arte. Cria esculturas motorizadas, paisagens comestíveis e instalações nas quais se mesclam materiais orgânicos e estruturas robóticas. Sua pesquisa artística articula ecologia e tecnologia para refletir sobre as relações entre humanos e não humanos.

<https://dukhee.de/>

ELISA MENDES (1983)

Elisa experimenta imagem e palavras com trabalhos em fotografia, direção de fotografia, direção audiovisual e poesia.

<https://elisamendes.com/director-dop>

LIA DE ITAMARACÁ (1944)

É uma dançarina, compositora e cantora de ciranda brasileira. Nasceu e cresceu na Ilha de Itamaracá, em Pernambuco, onde vive até hoje. Começou a participar de rodas de ciranda desde os 12 anos de idade e foi a única de 22 filhos a se dedicar à música. Em 2008, recebeu da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco o título de Embaixadora da Casa da Cultura do Recife. Patrimônio Vivo do Estado de Pernambuco, recebeu a medalha de Mérito Cultural do Governo Federal e, em 2019, ganhou o título de Doutora Honoris Causa pela

Universidade Federal de Pernambuco pelos serviços prestados à cultura nacional. É reconhecida internacionalmente e foi considerada “Diva da música negra” pelo The New York Times. Além de cirandeira, canta e compõe cocos de roda e maracatus.

<https://liadeitamaraca.com/>

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A coordenação editorial é de Victoria Mouawad e a editoração de Isabelle Passos.

Mais informações em selvagemciclo.com.br

Este caderno conta com a especial participação de Larissa Vaz, que redigiu as biografias dos artistas.

LARISSA VAZ

Jornalista de formação e mestranda em antropologia, Larissa Vaz trabalha com pesquisa, edição, revisão e tradução para publicações. Coeditou a antologia de poesia *Tertúlia* (ágrafa, 2018) e colaborou como pesquisadora para os livros *Todas as crônicas* (Rocco, 2018) e *Todas as cartas* (Rocco, 2020), de Clarice Lispector. É também oraculista e escreve para sondar o mistério.

FICHA TÉCNICA

IDEIA ORIGINAL E NARRAÇÃO Ailton Krenak
DIREÇÃO, ROTEIRO E PESQUISA Anna Dantes
PRODUÇÃO Madeleine Deschamps
EDIÇÃO DA FLECHA AUDIOVISUAL Elisa Mendes
ANIMAÇÕES Lívia Serri Francoio
TRILHA SONORA Gilberto Monte e Lucas Santtana
COMUNICAÇÃO Laís Furtado
ASSISTENTE DE PRODUÇÃO Victoria Mouawad
ASSISTENTE DE DESIGN Isabelle Passos
TRADUÇÃO Gabriel Paixão, Camila Albrecht, Christophe Dorkeld, Daniela Ruiz,
Mauricio Florez, Esther Loag e Luna Acosta
COMUNICAÇÃO Christine Keller, Cris Muniz Araujo, Daniela Ruiz,
Esther Lopez, Mauricio Boff e Natália Amarinho (Comunidade Selvagem)

AGRADECIMENTOS

Andrea Bolanho
Antonio Nobre
Associação Cultural “O Mundo de Lygia Clark” – Fabiane Moraes
ATRAVES \\
AUTVIS - Fabiana
Beto Hess
Celina Portella
Cornell Lab of Ornithology –Vanessa
Derry Moroney
Duda Firmo
Duk Hee
Galeria Estação - Rodrigo Casagrande
Gaston Brabers
Invisible Flock – Amy Balderston
Itaú Cultural - Bianca Selofite
Jan Van Ijken
Julia Alves dos Santos
Lia de Itamaracá
Liam Young
MAM São Paulo – Eloise Zadig Martins e Olívia Bonan
Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea
Paula Dager
Pedro Menchén
Pindorama Filmes – Estevão Ciavatta
Ricardo Wegrzynowski
Sébastien Prat
SPUN.earth – Rachel Pringle e Toby Kiers
Thiago Rocha Pitta
Virgínia Knabben
Walter Firmo

Estava na beira da praia
Vendo o balanço do mar
Quando vi uma linda sereia
E eu comecei a cantar

Ô Janaína vem ver
Ô Janaína vem cá
Receber estas flores
Que eu vou te ofertar

LIA DE ITAMARACÁ



LIA DE ITAMARACÁ,
Janaina, sem data.
Vídeo e edição: Ytallo Barreto.
Música: Janaina (domínio público).

cadernos SELVAGEM
publicação digital da
Dantes Editora
Biosfera, 2022

